



Convergências e Divergências Epistemológicas no Hibridismo entre a Sociolinguística e o Funcionalismo

Vania Raquel Santos Amorim¹, Valéria Viana Sousa²

Resumo: A Sociolinguística e o Funcionalismo constituem teorias que se unem por reconhecerem a heterogeneidade da língua e por priorizarem seu uso real como ponto basilar para explicar processos de variação e mudança. A interface entre essas teorias e a articulação dos seus princípios são estudadas por alguns pesquisadores com a denominação de Sociofuncionalismo. Neste trabalho, apresentamos as confluências e divergências na interface dessas teorias, mostrando que esse hibridismo é capaz de trazer grandes contribuições para descrição e análise da linguagem a partir dos pontos afins de suas epistemologias, como também, através da constituição de um diálogo entre as diferenças existentes entre alguns de seus conceitos aparentemente incompatíveis.

Palavras-chave: Sociolinguística. Funcionalismo. Convergência/divergência teórica. Sociofuncionalismo.

Epistemological Convergences and Differences in Hybridism between Sociolinguistics and Functionalism

Abstract: Sociolinguistics and Functionalism are theories united in recognizing heterogeneity of language and to prioritize its real use as basilar point to explain processes of variation and change. The interface between these theories and the articulation of their principles are studied by some researchers with the denomination of Sociofunctionalism. In this work, we present the confluences and divergences in the interface of these theories, showing that this hybridism is capable of bringing major contributions to the description and analysis of language from the related points of their epistemologies, as well as through the constitution of a dialogue between the existing differences among some of their seemingly incompatible concepts.

Keywords: Sociolinguistics. Functionalism. Theoretical convergence/divergence. Sociofunctionalism.

Introdução

Os estudos Sociofuncionalistas que tomam como base a Teoria Variacionista e a Teoria do Funcionalismo norte-americano para analisar e explicar fenômenos de variação e mudança linguística foram desenvolvidos no final da década de 80. Neves (1999) afirma que os trabalhos

¹ Mestre em Linguística pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e integrante do Grupo de pesquisa em Linguística Histórica e do Grupo de Pesquisa em Sociofuncionalismo – CNPq. E-mail: quelva@hotmail.com. Professora da Faculdade de Tecnologia e Ciências - Departamento de Engenharia Civil. quelva@hotmail.com;

² Doutora em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (área de concentração em Linguística e em Língua Portuguesa). Professora titular do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários (DELL/UESB). Líder do grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e do Grupo de Pesquisa em Sociofuncionalismo – CNPq. E-mail: valeriavianasousa@gmail.com.

que seguiam essas orientações, surgiram nas bases de pesquisas desenvolvidas pelo *Programa de Estudos sobre o Uso da Língua* (doravante abreviado PEUL/RJ).

De acordo com a autora, no Brasil, tem sido grande o número de estudos desenvolvidos na linha Sociofuncionalista, a saber: Roncarati (1996, 1997), Gryner (1995, 1996), Paredes (1988), Camacho (1995), Berlinck (1995), Tavares (2003), e outros.

Apesar dessa gama de trabalhos desenvolvidos, o hibridismo entre a Sociolinguística e o Funcionalismo ainda tem suscitado muitos prós e contras entre alguns teóricos. Acreditamos que a junção dessas duas vertentes teóricas possibilita a ampliação na compreensão e análise de um dado fenômeno linguístico. Pires de Oliveira (1999), por exemplo, ciente dessa viabilidade, após fazer um percurso histórico dos estudos semânticos realizados no Brasil, em seu trabalho intitulado *Uma história de Delimitações Teóricas: trinta anos de semântica no Brasil*, percebeu que o estudo do significado, ao estabelecer relação com outras subáreas da linguística ou para além desse campo, ganhavam uma nova face, resultando, dessa forma, em uma pluralidade de modelos em relação ao estudo da Semântica. Diante disso, expressa utilizando de uma metáfora que o fazer científico é construído na conversa quando se está diante da interface entre teorias distintas.

Mas, como afirmamos anteriormente, a realização de trabalhos com associações entre fontes divergentes é palco de uma discussão, digamos, um pouco acirrada. Pires de Oliveira (1999) demonstra que Borges Neto não vê essa possibilidade de aproximação entre pressupostos teórico-metodológicos entre teorias diferentes. A respeito disso, May (2009) sublinha que, em 1980, em um debate iniciado pelo pesquisador Fernando Tarallo, em que, na ocasião, ele apresenta o linguista-camaleão Zelic e expressa que “uma certa dosagem de ‘falta’ de personalidade acirradamente teórica poderá levar o linguista a resultados mais condizentes com os fatos que se propõe a analisar” (TARALLO, 1986 *apud* May, 2009, p. 70), recebe a seguinte resposta de Borges Neto:

Um programa de investigação científica nos pretende dar uma compreensão unificada da realidade, permitindo-nos prever o comportamento de um objeto em diferentes situações. A explicação de diferentes aspectos de um fenômeno através de diferentes programas (ou teorias) equivale a nenhuma explicação - a predição é dificultada e corremos o risco de termos apenas explicações *ad hoc*. (BORGES NETO, 1987, p. 93 *apud* May, 2009, p. 71).

Contrária à opinião de Borges Neto, Pires de Oliveira (1999), sobre o hibridismo entre teorias, opina que,

[...] não é necessário que as diferenças sejam interpretadas como alternativas excludentes, como impossíveis de serem tópicos de uma conversa comum. [...] o conhecimento se constrói na conversa na diferença, sem que com isso seja necessário supor um mesmo projeto em comum. (PIRES DE OLIVEIRA, 1999, p. 14).

Também, podemos encontrar em Borges Neto (2004, p.67), a defesa de Carlos Franchi em relação à associações entre teorias distintas expressando que,

(i) o pluralismo é inevitável, uma vez que o objeto de estudos da linguística é extremamente complexo e permite ‘visadas’ distintas, e (ii) o pluralismo não traz consigo o ‘relativismo’, uma vez que, no fundo, o objeto de estudos é sempre o mesmo: as várias abordagens são abordagens do mesmo objeto e, por isso, complementares.

Em Lyons (2011) encontramos o reconhecimento de pontos afins entre as teorias Funcionalista e Sociolinguística expressa nas seguintes palavras: “[...] o funcionalismo em linguística tendeu a enfatizar o caráter instrumental da linguagem. Há, portanto, uma afinidade natural entre o ponto de vista funcionalista e do sociolinguista [...]” (LYONS, 2011, p. 169).

Diante disso, acreditamos ser possível a associação entre essas teorias, mostrando isso a partir de algumas semelhanças entre os aportes teóricos e metodológicos da Sociolinguística e do Funcionalismo, como também, através do diálogo entre estudiosos na linha Sociofuncionalista e, sobretudo, Tavares (2003, 2013), que dedicou, em sua tese, um capítulo sobre o que ela denomina de casamento entre a Sociolinguística e o Funcionalismo. Primeiramente, elencaremos e discutiremos *a priori*, algumas convergências e, *a posteriori*, divergências entre essas teorias.

O Funcionalismo e a Sociolinguística: um casamento possível

Revisitando os aportes teóricos e metodológicos do Funcionalismo e da Sociolinguística, podemos encontrar algumas semelhanças que nos possibilitam um diálogo entre essas teorias, como veremos a seguir.

Camacho (2001) nos diz que nas bases dos postulados da Sociolinguística a variação é inerente ao sistema linguístico. Contribuindo para essa discussão, resgatamos Mollica (2007,

p.9) que assevera que sua característica é ser dinâmica, por isso heterogênea. Weinreich, Labov e Herzog (doravante WLH, 2006) declaram que,

Numa versão mais moderna, uma teoria da mudança linguística afirmaria simplesmente que toda língua constantemente sofre alteração, e formularia fatores condicionantes sobre a transição de um estado de língua para um estado imediatamente sucessivo. Além disso, ela poderia prever que nenhuma língua assumirá uma forma que viole os princípios formais postulados como sendo universais nas línguas humanas. (WLH, 2006, p.34-35)

Essa convicção de que a língua passa por um processo de alteração constante no sistema linguístico também é encontrada na Teoria Funcionalista quando trazemos a afirmação de Givón (2011, p.17): “a língua muda constantemente”.

Nessas colocações, fica evidente uma compatibilidade entre as teorias na qual a língua é dinâmica e não estática, característica que condiciona, então, a variação ou a mudança no sistema linguístico.

Mollica (2007, p.9) expressa que a Teoria Sociolinguística “estuda a língua em uso no seio da comunidade de fala”. Identicamente, o Funcionalismo “procura explicar as regularidades observadas no uso interativo da língua analisando as condições discursivas em que se verifica esse uso.” (CUNHA, COSTA, CEZÁRIO, 2003, p. 29). Com base em tal pressuposto, semelhante em ambas as teorias, observamos que as duas priorizam a língua em uso e, como mencionamos anteriormente, sua característica basilar é ser heterogênea, o que ocasiona variação e mudança no sistema linguístico.

Outro princípio preconizado pela Sociolinguística parte do pressuposto “de que as alternâncias de uso são influenciadas por fatores estruturais e sociais.” (MOLLICA, 2007, p.10) A partir desse olhar, Labov (2008, p.21) afirma que

[...] não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre. Ou, dizendo de outro modo, as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo.

Na hipótese Funcionalista, também, observamos essa característica quando essa teoria considera que há “uma relação estreita entre a estrutura das línguas e o uso que os falantes fazem delas nos contextos reais de comunicação.” (MARTELOTTA, 2011, p. 55, 56).

Diante do exposto, evidenciamos que, em ambas as teorias, há uma convergência na relação que se faz entre as realizações da língua, isto é, os fenômenos linguísticos e a sociedade que faz uso dessa língua são elementos relacionados.

Essas são apenas algumas semelhanças que podemos encontrar entre o Funcionalismo e a Sociolinguística. Podemos resgatar Tavares (2003) e encontrar, em sua tese de doutorado, esses pontos convergentes, tratados até aqui, e outros dos quais vamos elencar, a fim de reforçar e mostrar a possibilidade de um casamento entre as teorias.

Tavares (2003) exprime que um ponto conciliável entre as teorias se centra no fato da mudança linguística ocupar uma posição de destaque, e, ser compreendida como um fenômeno contínuo e gradual. Em Martelotta (2011), na introdução do seu livro intitulado *Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso* exprime que

Com o advento da Sociolinguística e a retomada dos estudos diacrônicos por parte dos linguistas funcionalistas, mais timidamente em meados da década de 1970 e de forma mais vigorosa na década de 1990, o fenômeno da mudança voltou a ocupar um espaço importante na ciência da linguagem. (MARTELOTTA, 2011, p. 15).

Em relação à Teoria Variacionista, Chagas (2012, p. 149) diz que Labov “faz da variação e da mudança linguística os objetos centrais de estudo [...] e, completando com as palavras de Naro (2007, p. 43) temos que “De fato, as mudanças linguísticas normalmente se processam de maneira gradual em várias dimensões.” Semelhantemente, na perspectiva da linguística baseada no uso, Martelotta (2011, p.16) expressa que “por ser um instrumento de interação entre os indivíduos dentro de uma comunidade, as línguas naturais tendem a variar e a mudar com o tempo.”

Ainda sobre a convergência entre as teorias, a pesquisadora apresenta outra característica equivalente: o fenômeno linguístico é analisado em uma situação interativa de uso real. A título de exemplificação dessa confluência entre as teorias, citamos o funcionalista Givón (2011) e o sociolinguista Labov (2008):

Se a língua é um instrumento de comunicação, então é bizarro tentar entender sua estrutura sem referência ao contexto comunicativo e à função comunicativa. Portanto, restrições gramaticais, regras de sintaxe, transformações estilísticas e coisas assim não estão lá “porque elas são pré-instaladas no código genético do organismo”. Nem estão lá sem razão alguma. Ao contrário, elas estão lá para servir a funções comunicativas específicas. (GIVÓN, 2011, p.54).

Existe uma crescente percepção de que a base do conhecimento intersubjetivo na linguística tem de ser encontrada na fala – a língua tal como usada na vida diária por membros da ordem social, este veículo de comunicação com que as pessoas discutem com seus cônjuges, brincam com seus amigos e ludibriam seus inimigos. (LABOV, 2008, p.13)

Mais um ponto afim se instaura entre as teorias, quando nos deparamos com essas palavras proferidas pelos linguistas, deixando, assim, bastante evidente, a prioridade que se atribui à língua em uso, tanto no Funcionalismo, quanto na Sociolinguística.

O princípio do uniformitarismo também suscita uma discussão a respeito da interface entre a Sociolinguística e o Funcionalismo. Segundo Labov (2008), a doutrina uniformitarista consiste na crença de que “os mesmos mecanismos que operaram para produzir as mudanças em larga escala do passado podem ser observados em ação nas mudanças que presentemente ocorrem à nossa volta.” (LABOV, 2008, p.192). Tavares (2003) salienta que, esse princípio, abordado nos estudos de gramaticalização por Hopper e Traugott, é retomado de Labov.

Diante dessas palavras, demonstramos que ambas as teorias acreditam que a força linguística ou social atuante no presente sobre a variação e mudança linguística é a mesma que atuou em tempos pretéritos.

Outro ponto conciliável entre as teorias, apresentado pela autora, é o fato dos dados sincrônicos e diacrônicos não serem tomados de maneira indissociáveis no estudo linguístico. Para demonstrar isso, citamos a obra de Weinreich, Labov e Herzog (2006) intitulada *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística* que na sua introdução, Weinreich nos traz a seguinte assertiva:

Este ensaio se baseia na observação de que as teorias estruturais da língua, tão frutíferas na investigação sincrônica, sobrecarregaram a linguística histórica com um fardo de paradoxos que não foram completamente superados. Ferdinand de Saussure, ao assentar as fundações do estudo sincrônico, estava ciente da correspondente intratabilidade da mudança linguística [...] (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 33).

Diante dessa insatisfação, os autores rompem com a divisão estabelecida por Saussure entre sincronia e diacronia, tecendo dessa forma, ao longo do capítulo 2 da obra algumas críticas ao pensamento estrutural sincrônico.

Sobre isso Paiva e Duarte (2006, p.139-140) expressam que na obra de WLH

Ao identificar a mudança como face sincrônica da variação, [...] rompem com as fronteiras entre sincronia e diacronia. O entrelace dos dois eixos permite, então, um passo teórico importante: as evidências da variação sincrônica passam a constituir um excelente laboratório para a compreensão de mudanças já completadas, ocorridas no passado.

A teoria Funcionalista também comunga desse princípio. Souza (2008, p. 72) nos diz que “o reconhecimento da intercomplementariedade dos estudos sincrônicos e diacrônicos para compreensão do sistema são preocupações que emergem aos funcionalistas.”

Ainda a esse respeito, apresentamos as palavras de Givón (2011) no qual profere as seguintes palavras:

Visto que a língua muda constantemente, e visto que as marcas da mudança linguística estão espalhadas, como relíquias antigas, ao longo da paisagem sincrônica da fonologia, morfologia e sintaxe, a eliminação de fatos diacrônicos *a priori* – à la Saussure – do reino da relevância para nossa compreensão da estrutura sincrônica da língua é injustificada e insensata. (GIVÓN, 2011, p.17)

Nessa perspectiva, afirmamos assim como Tavares (2003) que os dados sincrônicos e diacrônicos são vistos, por ambas as teorias, como complementares para compreendermos processos de variação e mudança linguística, levando, dessa maneira, ao alcance de resultados mais creditáveis e refinados, referentes às alterações por que passa a língua.

Apesar de tantos pontos em comum entre o Funcionalismo e a Sociolinguística, por se tratar de teorias distintas, em termos de princípios e metodologia, as semelhanças entre elas, por vezes, podem se dar de maneira superficial. Trataremos, a partir desse momento, até que ponto as diferenças entre as teorias interferem no estudo de um dado fenômeno linguístico ou se tais divergências impossibilitam o casamento entre as teorias.

Alguns pontos aparentemente não tão conciliáveis

Como lembra Tavares (2003), cada teoria é um pacote completo, por isso alguns pressupostos teóricos e metodológicos entre o Funcionalismo e a Sociolinguística Variacionista podem não se encaixar uma na outra. Isso é perceptível, por exemplo, no estudo da mudança linguística. Entre tantas semelhanças referentes à variação e à mudança linguística entre a Sociolinguística e o Funcionalismo, não há consonância referente à singularidade do termo *mudança* entre as teorias com relação ao que primeiro ocorre, se a variação ou a mudança.

Sobre essa questão, Castilho (2012, p. 87) resgata Sapir (1921/1954) no qual afirmava “que o fenômeno da variação linguística acarreta o da mudança: se há duas ou mais formas em competição, uma delas acabará por vencer a outra, e a língua mudará.” Castilho (2012) assevera que William Labov elabora essa ideia denominando-a de teoria da variação e mudança e, no âmbito dessa corrente, a variação se constitui o primeiro estágio para ocorrer a mudança linguística.

Contribuindo para a discussão dessa questão, citamos Camacho (2001) que exprime o fato de toda mudança ser,

[...] o resultado de algum processo de variação, em que ainda coexistem a substituta e a substituída, embora o inverso não seja verdadeiro, isto é, nem todo processo de variação resulta necessariamente numa mudança diacrônica, caso em que a variação é estável e funciona como indicador de diferenças sociais. (CAMACHO, 2001, p. 56)

WLH (2006, p.125) afirmam que “Nem toda a variabilidade e heterogeneidade na estrutura linguística envolve mudanças, mas toda mudança envolve variabilidade e heterogeneidade.”

Em Tarallo (1990, p.63), encontramos o seguinte trocadilho sobre variação e mudança: “Nem tudo o que varia sofre mudança; toda mudança linguística, no entanto pressupõe variação. Variação, portanto, não implica mudança, mudança, sim implica variação.”

Sousa (2008, p. 62) ao discutir essa questão, afirma que para a Sociolinguística “a variação, além de predicar uma condição essencial na língua, é também uma condição *sine qua non* para a mudança linguística.”

Diante da fecunda discussão, trazemos ainda Chagas (2012) no qual expressa que para Labov qualquer língua apresenta variação e esse processo é um desencadeador para a mudança. Sendo a mudança gradual, primeiro há um período de transição onde ocorre variação, para em seguida se instaurar a mudança.

Já no que se refere aos estudos sobre gramaticalização, ocorre o contrário: o fenômeno de variação linguística provém da mudança. Tavares (2003, p. 105) exprime que a “mudança refere-se tanto ao surgimento das inovações quanto a sua propagação social.”

Posto essas diferenças, a relação entre a variação linguística e a mudança por gramaticalização pode ser sintetizada da seguinte forma:

[...] no decorrer de seu desenvolvimento, um certo item passa a desempenhar múltiplas funções (uma forma com mais de uma função – perspectiva da gramaticalização). Nessa trajetória, seu uso pode se expandir para um domínio funcional já codificado por outro item, passando a disputar com ele o direito à marcação da função (mais de uma forma com uma função – perspectiva da sociolinguística). Surge, então, um ponto de variação, passível de ser solucionado por especialização das formas ou pelo desaparecimento de uma ou mais das variantes, soluções essas relacionadas ao próprio percurso de gramaticalização individual das formas [...]. (TAVARES, 2003, p.110).

Castilho, resgatado por Tavares (2003), sobre isso, expressa que, essas diferenças entre a compreensão do que venha primeiro, se a variação ou a mudança, podem ser conciliáveis ao

se pensar que devido à natureza cíclica da gramaticalização, não é contraditório afirmar que a variação é concomitantemente *o ponto de partida* e chegada da mudança no sistema linguístico, ou, o contrário, “que a mudança é o ponto de partida e o ponto de chegada da variação.” (TAVARES, 2003, p.109).

Podemos então compreender que, na gramaticalização, a variação pode ser resolvida quando uma das formas se especializa. Essa forma especializada pode sofrer nova variação que passa a ser solucionada mediante nova mudança, o que gera, então, um ciclo contínuo como o que Tavares (2003) apresenta: ...Gramaticalização ⇒ Variação ⇒ Gramaticalização ⇒ Variação... Dessa guisa, podemos compreender, então, esses fenômenos como um decorrente do outro.

De acordo com a pesquisadora, outro ponto divergente entre a Gramaticalização e a Sociolinguística se centra na seguinte assertiva variacionista: “Nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura linguística implica mudança; mas toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade” (WLH, 2006, p.125). A autora explica que a teoria variacionista averiguou a coexistência de variantes por um bom período de tempo, sem grandes alterações. Nesse caso, é possível o fato da variação não conduzir a mudança. No entanto, em um processo de mudança por gramaticalização, é possível acontecer períodos sem grandes alterações o que equivale a variação estável de Labov.

Outro ponto que requer diálogo entre as teorias se baseia no fato de que, para a Sociolinguística, a mudança linguística “[...] perpassa pela coexistência de duas ou mais formas para uma mesma função, ‘já sob a ótica funcionalista’, há a concorrência de duas ou mais funções para uma mesma forma.” (SOUSA, 2008, p. 71 [grifo nosso]).

Diante desses objetos de estudo distintos, Saraiva (2013) expressa que o diálogo se instaura, através de um dos princípios da gramaticalização, a estratificação, estabelecido por Hopper, pois prevê a emergência de “novas camadas ou formas para exercerem funções que já eram abrangidas por formas mais antigas” (SARAIVA, 2013, p.43). Diante disso, podemos estabelecer um liame entre os objetos de estudos entre as teorias, dando origem ao objeto do Sociofuncionalismo, sintetizado da seguinte forma: “diferentes formas-camadas ou variantes ou camadas/variantes - que convivem em um mesmo ambiente, gerando o que pode ser definido como uma situação de estratificação/variação.” Tavares (2003, p. 108).

Outro pressuposto não tão conciliável está relacionado à função e à estrutura. Hopper e Givón, retomados por Tavares (2003), comungam do mesmo pensamento quando expressam que a estrutura da gramática se constitui em um processo contínuo, isto é, a gramática se

caracteriza por ser emergente por natureza, por esta razão sempre está em um processo de andamento para a sua constituição, porém, não chegando a ser definida de fato, por sofrer alterações constantes devido às pressões de uso dos falantes.

Nesse viés, a estrutura da gramática não será definida e nunca estará estabelecida, pois continuamente passará por mudanças decorrentes do uso pelos falantes. Retomando as informações trazidas por Weedwood (2002, p.138), exprimimos que o Funcionalismo implica em uma “apreciação da diversidade de funções desempenhadas pela língua e um reconhecimento teórico de que a estrutura das línguas é, em grande parte, determinada por suas funções características.” Já para a Teoria Variacionista, Tavares (2003) traz a visão de WLH, que atribuem

[...] papel central às noções de sistema e de estrutura, considerando a língua um sistema regido por regras (in)variáveis entendidas como elementos estruturais, parte da competência linguística dos falantes. Para os autores, aspectos funcionais ficam em segundo plano. (TAVARES, 2003, p. 120).

Dessa forma, fica claro que o Funcionalismo no enfoque da Gramaticalização se centra na primazia da função, enquanto a Teoria Variacionista, se assenta na concepção de estrutura como ponto central.

Tavares (2003) explana que Labov nega formações funcionalistas expressando que a função não desempenha papel relevante para a constituição da estrutura ou exerça influência na variação e na mudança linguística, mas afirma serem motivadas pelos fatores sociais, estruturais e mecânicos. Dessa forma, na perspectiva da Sociolinguística não se leva em consideração grupo de fator e princípios de natureza funcional.

Já os estudos na ótica Funcionalista, de acordo com Sousa (2008, p. 71), “não desprezam as formas, apenas direcionam a importância em conhecê-las a partir da função que estas exercem no ato discursivo. Afinal, nessa teoria, a forma é subordinada à função que desempenha.”

Sintetizando a diferença do valor atribuído à função e à estrutura entre as teorias, Tavares (2003) exprime que

A teoria variacionista expressa seus achados na forma de regras abstratas. As regras variáveis representam um modo de descrever *formalmente* a inter-relação sistemática entre os condicionamentos internos e externos à língua. Já o funcionalismo vinculado à aceção de gramática emergente focaliza relações de diferentes graus entre funções e formas e a alteração por que passam tais relações ao longo do tempo, não se ocupando em estipular regras abstratas subjacentes ao uso. (TAVARES, 2003, p. 120).

Diante desses pontos apresentados, reconhecemos que alguns tópicos são inconciliáveis quando se trata de teorias distintas. Diante desse fato, aspiramos das palavras de Pires de Oliveira (1999) quando expressa ser possível à construção de coerências diante das diferenças, porque podemos compreender “os termos de uma teoria na linguagem da outra”, (PIRES DE OLIVEIRA, 1999, p. 11), surgindo, então, uma linguagem comum.

Sobre isso, Tavares (2003) afirma que o pesquisador vai se filiar mais ou menos a uma das teorias ou do entremeio o que resultará em diversas possibilidades de encaixamento da teoria Sociofuncionalista na matriz dos estudos linguísticos.

Visto por esse ângulo, entendemos que não é o pacote total dos termos, conceitos e dos procedimentos metodológicos da teoria do Funcionalismo ou da Sociolinguística que serão unidos, mas somente aqueles pressupostos passíveis de integração para uma linguagem comum, possível e conciliável. Como a autora demonstra, o casamento entre as teorias, resultará em um novo rumo na pesquisa, isto é, não se assemelhará às delimitações das teorias mãe, mas tratar-se-á de um rearranjo de significados, conceitos, interpretações que, quando em estado de diálogo, se mostram diferentes, mesclados depois da conversação surgidas do conjunto das ideias de uma e de outra teoria.

Dessa guisa, consideramos as palavras de Pires de Oliveira (1999) quando expressa que para a realização da união entre teorias distintas, não se faz necessário anular as diretrizes que emana de cada pacote teórico. Seria uma conversa, um diálogo entre as diferenças existentes entre alguns conceitos incompatíveis entre as teorias. A autora ainda expressa que

[...] A melhor metáfora não é, portanto, a do projeto único, nem a dos caminhos isolados, mas de uma conversa na diferença; quanto mais conversamos, mais os conceitos circulam, mais revisões são necessárias, mais conhecimento comum é gerado. (PIRES DE OLIVEIRA, 1999, p. 12).

Esse novo olhar gerado, o Sociofuncionalismo, nascido do hibridismo entre a Sociolinguística e o Funcionalismo é constituído do resultado de muita conversa. E, como Tavares (2003) expressa, nesse processo de diálogo, ocorrerá uma espécie de negociação, interpretação e adaptação entre os pressupostos teórico-metodológicos até tecer uma conversa compreensível, em que cada um terá clareza do seu lugar, ou seja, da diferença existente em relação ao outro, para por fim, o casamento ser constituído de fato.

Considerações Finais

Vimos no decorrer deste trabalho, algumas semelhanças entre as teorias Funcionalista e Sociolinguística e que os pressupostos aparentemente incompatíveis podem ser harmonizados através de um diálogo entre as teorias.

As confluências entre as teorias Funcionalista e Sociolinguística já não passam mais despercebidas aos olhos de muitos pesquisadores nos estudos da linguagem por acreditarem que a incorporação de pressupostos entre essas teorias distintas amplia o olhar na pesquisa e aumenta as possibilidades na análise das questões linguísticas.

A conversa entre as teorias que origina o Sociofuncionalismo, podem ser geridos tanto por funcionalistas quanto por sociolinguistas, que a partir do caminho que escolherem nessa trilha, se uma pesquisa com teor mais funcionalista ou mais sociolinguística, vai delimitar quais pressupostos serão acionados na pesquisa. Por isso, o Sociofuncionalismo pode ter uma série de direção, o que não podemos encarar o seu modelo como absoluto, engessado e com apenas um caminho a ser seguido.

Estamos cientes que são muitas ainda as reflexões a respeito da sua constituição, mas, acreditamos, mediante tantos trabalhos desenvolvidos que, a interface entre as teorias que concebe esse novo campo, pode se tornar ainda mais fecundo se lançarmos nossas contribuições através de nossas pesquisas. Certamente, essas sementes poderão ser germinadas gerando um terreno frutífero para ampliação, resolução e explicação dos processos de variação e mudança linguística que porventura surgirem.

Referências

BORGES NETO, José. *Ensaio de filosofia da linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

CAMACHO, Roberto Gomes. Sociolinguística. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001.

CASTILHO, Ataliba T. de. *Nova Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2012.

CHAGAS, Paulo. A mudança linguística. In: FIORIN, José Luiz (org.). *Introdução à linguística*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

CUNHA, Angélica Furtado da; COSTA, Marcos Antonio; CEZARIO, Maria Maura. Pressupostos teóricos fundamentais. In: CUNHA, Maria Furtado da; OLIVEIRA, Mariangela Rios de e MARTELOTTA, Eduardo Mário (Orgs.). *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

GIVÓN, Talmy. *Compreendendo a gramática*. Natal: EDUFRRN, 2011.

LABOV, William. *Padrões Sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, M^a Marta Pereira Scherre e Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LYONS, John. *Lingua(gem) e linguística: uma introdução*. Tradução Marilda Winkler Averburg, Clarisse Sieckenius de Souza. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

MAY, Guilherme Henrique. Discutindo o papel do funcional no sociofuncionalismo. Work. pap. linguist., Florianópolis, 10, jul. dez., 2009. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/11788>. Acesso em 30 de maio de 2014.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Mudança Linguística: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011.

NARO, Anthony Julius. O dinamismo das línguas. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2007.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Estudos funcionalista no Brasil*. DELTA: V. 15 special issue: São Paulo, 1999.

PAIVA, Maria da Conceição de; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. Quarenta anos depois: a herança de um programa na sociolinguística brasileira. In: WEINREICH, Uriel; LABOV, Willian; Herzog, Marvin I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução de Marcos Bagno e Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

PIRES DE OLIVEIRA, Roberta. *Uma história de delimitações teóricas: 30 anos de semântica no Brasil*. D.E.L.T.A. v.15, n. especial, São Paulo, 1999.

SARAIVA, Eneile Santos. *A construção TEM-SE no português brasileiro escrito: uma análise sociofuncionalista*. Dissertação (Mestrado) – UFRJ, Rio de Janeiro, 2013.

SOUSA, Valéria Viana. *Os (Des)caminhos do você: uma análise sobre a variação e mudança na forma, na função e na referência do pronome você*. Tese de doutorado: João Pessoa, 2008.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sócio-linguística*. 7.ed. São Paulo: Ática, 2004.

TAVARES, Maria Alice. *A gramaticalização de e, aí, daí, e então: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo funcionalista*. Tese (doutorado)- UFSC, Florianópolis, 2003.

TAVARES, Maria Alice. *Sociofuncionalismo: um duplo olhar sobre a variação e a mudança linguística*. ed. Esp. ABRALIN/SE, Ano VIII, v. 17, p.27-48, 2013.

WEEDWOOD, Bárbara. *História concisa da linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

WEINREICH, Uriel; LABOV, Willian; Herzog, Marvin I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução de Marcos Bagno e Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.



Como citar este artigo (Formato ABNT):

AMORIM, Vania Raquel Santos; SOUSA, Valéria Viana. Convergências e Divergências Epistemológicas no Hibridismo entre a Sociolinguística e o Funcionalismo. **Id on Line Rev.Mult. Psic.**, 2019, vol.13, n.44, p. 1-14. ISSN: 1981-1179.

Recebido: 10/12/2018;

Aceito: 12/12/2018